

V. S. Naipaul

Num Estado Livre

Tradução de José Vieira de Lima

Prólogo, de um Diário O Vagabundo do Pireu



ERA UMA TRAVESSIA DE APENAS DOIS DIAS entre o Pireu e Alexandria, mas, no instante em que vi o pequeno e lúgubre vapor grego, dei-me conta de que devia ter pensado noutra solução. Mesmo visto do cais, parecia sobrelotado, como se fosse um navio de refugiados, e, quando subi a bordo, verifiquei que não havia espaço suficiente para toda a gente.

Não havia um convés digno desse nome. O bar, exposto dos dois lados ao vento de janeiro, tinha o tamanho de um guarda-louça. Três pessoas, aí, já eram uma multidão, e, atrás do pequeno balcão, o franzino barman grego, que servia um mau café, estava maldispuesto. Na pequena sala de fumo, muitas das cadeiras e grande parte do chão tinham sido ocupadas de noite por passageiros que haviam embarcado em Itália, entre os quais um grupo de estudantes americanos de treze, catorze anos, demasiado crescidos para a idade, brancos e contidos nos seus modos, mas atentos a tudo o que os rodeava. O outro espaço público era a sala de jantar, que estava a ser preparada para o primeiro dos almoços por empregados tão cansados e maldispuestos como o barman. A cortesia grega era algo que tínhamos deixado no porto; algo que talvez fizesse par com a ociosidade, o desemprego e o desespero campesino.

Porém, nós, que íamos na parte superior do navio, tínhamos sorte. Dispúnhamos de camarotes e beliches. As pessoas que iam na parte inferior não tinham nada disso. Eram passageiros de convés; fosse dia, fosse noite, só dispunham de espaço para dormir. Lá em baixo, sentavam-se ou deitavam-se ao sol, abrigando-se do vento, figuras encurvadas, vestidas de um negro mediterrânico, no meio dos cabrestantes e das anteparas cor de laranja.

Eram gregos egípcios. Iam de viagem para o Egito, mas o Egito já não era o seu país. Tinham sido expulsos; eram refugiados. Os invasores haviam deixado o Egito; depois de muitas humilhações, o Egito era um país livre; e estes gregos — os pobres — que, devido às suas limitadas qualificações, se tinham tornado apenas mais pobres do que os egípcios, eram as vítimas dessa libertação. Lúgubres navios gregos como o nosso tinham-nos trazido do Egito. Agora, passado pouco tempo, regressavam, com turistas como nós, que éramos neutros e que viajávamos apenas para ver os monumentos; com homens de negócios libaneses; com uma trupe de bailarinas de cabaré espanholas; com gordos estudantes egípcios que regressavam da Alemanha.

O vagabundo, quando apareceu no cais, parecia muito inglês; mas essa impressão poderia dever-se ao facto de que não tínhamos ingleses a bordo. Ao longe, não parecia um vagabundo. O chapéu e a mochila, o casaco de tweed verde-azeitona, as calças de flanela cinzentas e as botas poderiam pertencer a um viandante romântico de uma geração anterior; naquela mochila, podia ir um livro de poesia, um diário, as primeiras páginas de um romance.

Era magro, de estatura média, e movia-se, dos joelhos para baixo, com passos curtos, como que impelidos por molas, erguendo bem alto cada pé. Era um andar elegante, tão elegante como o lenço de seda com pintas cor de açafão que trazia ao pescoço. Porém, quando se aproximou, demo-nos conta de que

todo esse figurino era uma ruína, que o nó do lenço estava apertado e imundo; que ele era um vagabundo. Quando chegou ao passadiço, tirou o chapéu e vimos que era um velho, com um rosto gasto e trémulo e uns olhos azuis húmidos.

Ergueu os olhos e viu-nos: o seu público. Subiu numa pressa o passadiço, sem usar as cordas para as mãos. Quanta vaidade! Mostrou o bilhete ao carrancudo grego; e, depois, sem olhar à sua volta, sem fazer perguntas, continuou a mover-se com brusquidão, como se conhecesse bem os meandros do barco. Meteu por um corredor que não conduzia a lado nenhum. De uma forma abrupta e cómica, girou sobre um calcanhar e, com força, bateu com o outro pé no chão.

— O comissário de bordo — disse ele para as tábuas do convés, como se tivesse acabado de lembrar-se de alguma coisa. — Tenho de falar com o comissário de bordo.

E, dito isto, encaminhou-se na direção da sua cabina e respectivo beliche.

Partimos mais tarde do que o previsto. Alguns estudantes americanos tinham ido a terra comprar comida, deixando os outros a guardar-lhes os lugares; tivemos de esperar que voltassem. Mal chegaram — sem um só risinho: as raparigas, isentas de atributos físicos, pálidas e envergonhadas —, os gregos mostraram-se particularmente furiosos e desataram numa azáfama. A língua grega rompia-lhes das bocas tão áspera como a corrente da âncora. As águas começaram a separar-nos do cais e pudemos ver, não muito longe do local onde estivéramos, a grande massa negra do vapor *Leonardo da Vinci*, que acabara de atracar.

O vagabundo reapareceu. Não tinha o chapéu nem a mochila e parecia menos nervoso. Com as mãos nos bolsos das calças, já cheios e lassos, as pernas bem afastadas, postava-se no estreito convés como um marinheiro experiente expondo-se

à primeira brisa marinha de um cruzeiro a sério. Também estava a apreciar os passageiros; procurava companhia. Ignorava as pessoas que o fitavam demoradamente; quando outras pessoas, reagindo ao olhar dele, se viravam para o fitar, fazia girar a cabeça no sentido oposto.

Acabou por se plantar ao lado de um jovem alto e louro. Os seus instintos tinham sido um bom guia. O homem que escolhera era um jugoslavo que, até ao dia anterior, nunca saíra do seu país. O jugoslavo mostrava-se disposto a escutá-lo. Ficou desconcertado com o inglês do vagabundo, mas sorriu de uma forma encorajadora; e o vagabundo não se fez rogado.

— Já fui ao Egito umas seis ou sete vezes. Dei a volta ao mundo uma dúzia de vezes. Austrália, Canadá, todos esses países. Geólogo, ou pelo menos costumava sê-lo. Primeiro, fui ao Canadá em 1923. Já lá estive umas oito vezes. Viajo há trinta e oito anos. Albergues de juventude, é assim que eu faço. Faz mal quem desdenha desses albergues. Nova Zelândia — já lá esteve? Fui à Nova Zelândia em 1934. Aqui entre nós, que ninguém nos ouve, são um povo mais avançado que o australiano. Mas o que é a nacionalidade nos tempos que correm? No meu caso particular, vejo-me como um cidadão do mundo.

Assim era o discurso dele, cheio de datas, lugares e números, por vezes uma opinião singela, vinda de um outro mundo. Mas tudo aquilo era mecânico, sem convicção; nem mesmo a vaidade se notava; aqueles olhos trémulos e húmidos permaneciam distantes.

O jugoslavo sorria e exclamava. O vagabundo não via nem ouvia. Não conseguia manter uma conversa digna desse nome; não procurava uma conversa; nem sequer precisava de um público. Era como se, ao longo dos anos, tivesse aperfeiçoado aquele modo de se explicar rapidamente a si mesmo, reduzindo a sua vida a nomes e números. Depois de recitar os nomes e os números,

não tinha mais nada para dizer. Então, limitou-se a ficar ali plantado ao lado do jugoslavo. Mesmo antes de termos perdido de vista o Pireu e o *Leonardo da Vinci*, o vagabundo já tinha esgotado aquele relacionamento. Não quisera companhia; apenas queria a camuflagem e a proteção da companhia. O vagabundo sabia que era uma criatura bizarra.

Ao almoço, fiquei numa mesa com dois libaneses. Ambos tinham embarcado de noite em Itália e trataram rapidamente de explicar que fora a bagagem, e não o dinheiro, que os impedira de viajar de avião. Pareciam muito menos desconsolados com o navio do que diziam que estavam. Falavam numa mistura de francês, inglês e árabe e impressionavam-se e acicatavam-se um ao outro, falando do dinheiro que outras pessoas, sobretudo libanesas, estavam a ganhar com este ou aquele negócio improvável.

Tinham ambos menos de quarenta anos. Um era rosado, gorducho e vestia-se de um modo informal, com um pulôver amarelo-canário; o negócio dele em Beirute era, literalmente, dinheiro. O outro libanês era moreno, bem constituído, com uma boa aparência mediterrânica a que não faltava um bigode, e vestia um fato completo de xadrez. Fabricava réplicas de mobiliário antigo no Cairo e dizia que o seu negócio corria mal desde que os europeus tinham partido. O comércio e a cultura tinham desaparecido do Egito; entre os nativos, era escassa a procura dos seus móveis; e havia um preconceito crescente contra os libaneses como ele. Mas eu não conseguia acreditar no seu desânimo. Enquanto conversava connosco, piscava o olho a uma das bailarinas espanholas.

No outro extremo da sala, um gordo estudante egípcio, com uns óculos de lentes grossas, fazia uma barulheira dos diabos

em alemão e árabe. O casal alemão que estava na mesma mesa ria-se. A certa altura, o egípcio começou a cantar uma canção árabe.

O homem de Beirute disse, com o seu sotaque americano:

— Devias dedicar-te ao mobiliário moderno.

— Nunca — disse o fabricante de móveis. — Preferia deixar o Egito. Fecharia a minha fábrica. O estilo moderno é um horror. É grotesco, absolutamente grotesco. *Mais le style Louis Seize, ah, voilà l'âme...*¹ — Calou-se para aplaudir o egípcio e para gritar os seus parabéns em árabe. Então, num tom enfadado, mas sem malícia, disse baixinho: — Ah, estes nativos... — Afastou o prato, afundou-se na sua cadeira, tamborilou com os dedos na toalha de mesa suja. Piscou o olho à bailarina e as pontas do bigode arrebitaram-se.

O empregado veio levantar a mesa. Eu estava a comer, mas o meu prato foi com os outros.

— Estava a jantar, *monsieur*? — disse o fabricante de móveis. — Mantenha-se *calme*. Todos nós temos de nos manter *calme*.

Depois, ergueu as sobrancelhas e revirou os olhos. Queria que olhássemos para alguma coisa.

Era o vagabundo que, parado à entrada, inspecionava a sala. Assumia uma tal postura que, mesmo naquele instante, à primeira vista, as suas roupas pareciam em perfeito estado de conservação. Encaminhou-se na direção da mesa livre ao lado da nossa, sentou-se numa cadeira e remexeu-se nela até se sentir bem instalado. Depois, recostou-se e pôs os braços sobre os braços da cadeira, como um chefe de família à cabeceira da sua mesa, como um passageiro de um cruzeiro à espera de ser servido. Suspirou

¹ Em francês no original: «Mas o estilo Luís XVI, ah, aí está a alma.» (N. do T.)

movimentou os maxilares, mastigando em seco. O casaco estava num estado lamentável, os bolsos lassos de tão cheios, as palas presas com alfinetes de ama.

O fabricante de móveis disse qualquer coisa em árabe e o homem de Beirute riu-se. Como o criado nos mandasse embora, seguimos as raparigas espanholas até ao ventoso e minúsculo bar para bebermos um café.

Nessa tarde, umas horas depois, à procura de privacidade, subi alguns degraus íngremes até à área por cima dos camarotes, protegida pela amurada. E lá estava o vagabundo, sozinho, as pernas das calças sujas e enfunadas, as bainhas esfarrapadas, exposto ao vento frio e às fagulhas que saíam da chaminé. Tinha na mão o que parecia ser um pequeno livro de orações. Movia os lábios e abria e fechava os olhos como alguém rezando com fervor. Quão frágil era aquele rosto, cinzelado pelo sofrimento; quão débil era aquele pescoço, sob o nó apertado do lenço às pintinhas. A pele em torno dos olhos tinha um aspeto particularmente suave; parecia estar à beira das lágrimas. Era estranho. Ele procurava companhia, mas precisava de solidão; procurava chamar a atenção, e, ao mesmo tempo, queria passar despercebido.

Não o incomodei. Temia envolver-me com ele. Lá em baixo, os refugiados gregos estavam sentados ou deitados ao sol.

Na sala de fumo, depois do jantar, o jovem e gordo egípcio resolveu fazer o seu número de cabaré e, de tanto gritar, acabou rouco. As pessoas que entendiam o que ele dizia riam-se o tempo todo. Até o fabricante de móveis, esquecida a sua raiva contra os nativos, gritou e bateu palmas como os outros. Os estudantes americanos, que sofriam de enjoo, tinham-se amontoado de um jeito promíscuo, e olhavam atentamente em seu redor como se

estivessem desamparadamente cercados; quando falavam entre eles era por sussurros.

A parte não-americana da sala era predominantemente árabe e alemã e tinha a sua própria coesão. O egípcio era o nosso cómico, e havia uma rapariga alemã muito alta a que poderíamos atribuir o papel de anfitriã. Oferecia-nos chocolate e tinha uma palavra amável para cada um de nós. A mim, disse-me:

— Está a ler um livro inglês muito bom. Esses livros da Penguin são livros ingleses muito bons.

Talvez fosse ter com o seu marido árabe, pensava eu, embora sem nenhuma certeza.

Estava sentado de costas para a porta e não dei pela entrada do vagabundo. Porém, de súbito, ali estava ele à minha frente, sentado numa cadeira que acabara de ficar vaga. A cadeira não estava longe da da rapariga alemã, mas era uma cadeira isolada, sem qualquer ligação próxima com a cadeira da rapariga ou qualquer outro grupo de cadeiras. O vagabundo instalou-se nela com o maior à-vontade, as costas muito direitas. Não olhava de frente para ninguém, de tal modo que, naquela pequena sala, não se integrava na multidão; em vez disso, parecia ocupar o centro de um pequeno palco.

Sentou-se com as suas pernas de velho muito afastadas, o casaco, de tão pesado, caindo lasso sobre os bolsos das calças, tão salientes de cheios. Trouxera coisas para ler, uma revista, o pequeno livro que eu julgara ser um livro de orações. Via agora que se tratava de uma velha agenda de bolso com muitas folhas soltas. Dobrou a revista em quatro, escondeu-a sob a coxa, e começou a ler a agenda. A certa altura, riu-se e olhou em seu redor para ver se alguém tinha reparado. Virou uma página, leu e voltou a rir-se, desta vez mais alto. Inclinou-se para a rapariga alemã e perguntou-lhe, falando por cima do ombro:

— Desculpe, sabe ler espanhol?

Ela, num tom prudente, respondeu que não.

— Estas anedotas espanholas são do mais divertido que há.

Porém, embora lesse mais algumas, não voltou a rir-se.

O egípcio continuava a cumprir o seu papel de palhaço; o espetáculo prosseguia. Pouco depois, a rapariga alemã voltava a oferecer chocolates. «*Bitte?*»¹ — Tinha uma voz suave.

O vagabundo estava a desdobrar a revista. Parou e olhou para os chocolates. Mas já não havia nenhum para ele. Acabou de desdobrar a revista. E então, inesperadamente, começou a destruí-la. Com mãos nervosas, trémulas, rasgou uma tira de uma página, depois outra. Passou algumas páginas, começou a rasgar de novo; mais umas quantas páginas, e rasgou de novo. Apesar da barulheira em torno do egípcio, era impossível ignorar o som do rasgar do papel. Estaria a rasgar imagens — desportivas, de mulheres, anúncios — que o ofendessem? Estaria a abastecer-se de papel higiénico para o Egito?

O egípcio calou-se e parou a olhar para o vagabundo. Os estudantes americanos fizeram o mesmo. A certa altura, já demasiado tarde depois daquela fúria, o vagabundo procurou mostrar que havia uma razão para o que estava a fazer. Abriu a revista toda rasgada, fê-la girar nas mãos com um ar furioso, como se não fosse fácil pô-la direita, e, por fim, fez de conta que estava a ler. Mexeu os lábios; franziu o sobrolho; e continuou a rasgar. Tiras e bocados de papel juncavam o chão em torno da cadeira. Dobrou o que restava da revista, enfiou-a no bolso do casaco, prendeu com um alfinete de ama a pala da algibeira e abandonou a sala, com todo o ar de quem fora profundamente ofendido.

¹ Em alemão, no original: «Por favor?». (*N. do T.*)

*

— Eu mato-o — disse o fabricante de móveis na manhã seguinte, ao pequeno-almoço.

Vestia o seu fato completo, mas não fizera a barba, e as olheiras mais pareciam nódoas negras. O homem de Beirute também tinha um aspeto cansado, amarfanhado. Não tinham passado bem a noite. O terceiro beliche do seu camarote era ocupado por um rapaz austríaco, que embarcara em Itália e com quem se davam bem. Tinham visto a mochila e o chapéu no quarto beliche; mas só muito mais tarde, já deitados, é que descobriram que o vagabundo era o quarto ocupante.

— Foi um horror — disse o homem de Beirute. Procurou palavras delicadas e acrescentou: — O velho é tal qual uma criança.

— Uma criança?! Se aquele porco inglês aparecer agora, *mato-o*. No exato instante em que ele entrar nesta sala. — O fabricante de mobiliário ergueu o braço e apontou para a porta

Ficou satisfeito com o gesto e as palavras; repetiu-as para a sala. O estudante egípcio, rouco e ressacado depois do espetáculo da noite anterior, disse qualquer coisa em árabe. Óbvio que era algo de espirituoso, mas o fabricante de móveis não sorriu. Pôs-se a tamborilar com os dedos na mesa, enquanto olhava fixamente para a porta e respirava ruidosamente pelo nariz.

Ninguém estava bem-disposto. O ressoar, o latejar, as sacudidas do barco tinham devastado os estômagos e os nervos; o vento frio irritava tanto quanto refrescava; e, na sala de jantar, estava um ar viciado, com um cheiro como que de borracha quente. Não havia muita gente, mas os criados, com um ar de quem dormira mal e não tomara banho — nem sequer se tinham penteado em condições — andavam na mesma azáfama do dia anterior.

O egípcio soltou uma exclamação estridente.

O vagabundo acabara de entrar, com um ar bem-disposto e repousado, pronto para beber o seu café e comer os seus pãezinhos. Não tinha a menor dúvida de que seria bem recebido. Sem qualquer hesitação, mas também sem grande pressa, encaminhou-se na direção da mesa ao lado da nossa, instalou-se na cadeira e pôs-se a mastigar em seco. Serviram-no rapidamente. Mastigava e bebia com extremo prazer.

O egípcio soltou de novo uma exclamação guinchada.

O fabricante de móveis disse-lhe:

— Esta noite, mando-o para o seu camarote.

O vagabundo não via nem ouvia. Limitava-se a comer e a beber. Sob o nó apertado do lenço, a maçã de Adão não parava quieta. Bebia ruidosamente, após o que suspirava; mastigava com uma rapidez de coelho, ansioso por ficar com a boca vazia para logo a encher de novo; e, entre cada bocado de pão que comia, abraçava-se a si mesmo, esfregando braços e cotovelos contra os lados do torso, imerso no puro prazer de comer.

O fascínio do fabricante de móveis transformou-se em raiva. Levantou-se sem deixar de olhar para o vagabundo e chamou:

— Hans!

O rapaz austríaco, que estava na mesa do egípcio, levantou-se. Tinha à volta de dezasseis ou dezassete anos, era extremamente bem constituído — uma compleição sólida e atarracada —, com um rosto largo e sorridente. O homem de Beirute também se levantou e saíram os três da sala.

O vagabundo, alheio a isto e ao que estavam a congeminar contra ele, continuou a comer e a beber, até que, com um suspiro que parecia ser de fadiga, deu por findo o pequeno-almoço.

A coisa ia ser como a caça ao tigre, em que o isco é colocado num determinado sítio e o caçador e os espectadores assistem na

segurança de uma plataforma. Neste caso, o isco era a própria mochila do vagabundo. Puseram-na no convés, perto da porta do camarote, e detiveram-se a observá-la. O fabricante de móveis continuava a fingir que estava demasiado furioso para falar. Mas Hans sorria e explicava as regras do jogo tantas vezes quantas lhas perguntavam.

O vagabundo, no entanto, não entrou de imediato no jogo. Depois do pequeno-almoço, desapareceu. Estava frio no convés, mesmo ao sol, e, por vezes, a espuma das ondas atingia em cheio os passageiros. As pessoas que tinham saído para ver o mar não tardavam a voltar para dentro e mesmo o fabricante de móveis e o homem de Beirute iam de vez em quando descansar para a sala de fumo, no meio dos alemães, dos árabes e das raparigas espanholas. Ofereciam-lhes cadeiras; havia uma simpatia para com a sua fúria e exaustão. Hans continuava no seu posto. Quando o vento frio o obrigou a entrar no camarote, passou a vigiar pela porta aberta, sentado num dos beliches mais baixos, sorrindo para as pessoas que passavam.

Chegou então a notícia de que o vagabundo reaparecera e fora apanhado nas malhas do jogo. Alguns dos estudantes americanos já estavam no convés, observando o mar. Tal como as espanholas e a rapariga alemã. Hans bloqueara a porta do camarote. Vi o vagabundo pegando na mochila pela alça; ouvi-o queixando-se em inglês perante os gritos em francês e árabe do fabricante de móveis, que erguia os braços e apontava com a mão direita, as abas do casaco numa dança.

Na sala de jantar, a fúria do fabricante de móveis parecera apenas teatral, mais um traço da sua aparência mediterrânica, como o bigode ou o cabelo ondulado. Mas agora, ao ar livre, perante um público expectante e uma vítima com um ar tão passivo, estava a ficar frenético.

— Porco! Porco!

— Não é verdade — dizia o vagabundo, apelando a pessoas que tinham vindo apenas para assistir à cena.

— Porco!

E chegou o momento grotesco. O fabricante de móveis, dotado de uma constituição tão forte, tão elegante no seu casaco de ombros enchumacados, tentou atingir com a mão esquerda a cabeça do velho. Este fez girar a cabeça, tal e qual como fazia quando queria evitar um olhar. E começou a chorar. O fabricante de móveis acertou no ar e desequilibrou-se; teve de se apoiar na amurada, onde apanhou em cheio com a espuma das ondas. Levando as mãos ao peito, como que para ver se tinha ainda a caneta, a carteira e outras coisas, gritou, como um homem aflito e desesperado:

— Hans! Hans!

O vagabundo curvou-se; já não chorava; tinha os olhos azuis arregalados. Hans agarrou nele pelo lenço às pintinhas, torceu-o, e atirou o homem ao chão. Dando um pontapé violento na mochila, Hans, ainda agarrado ao lenço, fez deslizar o vagabundo. O velho tropeçou no pé de Hans que continuava a pontapear a mochila. A tensão desapareceu do rosto sorridente de Hans e só lá ficou o sorriso. O vagabundo poderia ter recuperado do tropeção e do arrastamento. Mas preferiu cair, após o que se sentou no chão. Continuava a agarrar na mochila pela alça. Chorava de novo.

— Não é verdade. Os comentários deles não são verdadeiros.

Os jovens americanos estavam a olhar para lá da amurada.

— Hans! — chamou o fabricante de móveis.

O vagabundo parou de chorar.

— Ha-ans!

O vagabundo não olhou à sua volta. Levantou-se com a mochila e desatou a correr.

Constou que se tinha fechado numa das casas de banho. Mas voltou a aparecer entre nós por duas vezes.

Cerca de uma hora depois, entrou na sala de fumo, sem a mochila, sem nenhum sinal de apoquentação no rosto. Já tinha recuperado do sucedido. Entrou no seu jeito abrupto, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Mais uns quantos passos e já estava no meio da pequena sala e quase chocava contra as pernas do fabricante de móveis, espapaçado numa cadeira estofada, exausto, uma mão sobre os olhos meio fechados. Depois da surpresa, a raiva e o desprezo encheram os olhos do vagabundo. Começou a girar a cabeça para não ver o que não queria.

— Hans! — chamou o fabricante de móveis, que, recuperando do seu espanto, encolheu as pernas e se inclinou para a frente. — Ha-ans!

Girando a cabeça, o vagabundo viu Hans a levantar-se, com algumas cartas de um baralho nas mãos. O terror apoderou-se dos olhos do vagabundo. O movimento giratório da cabeça espalhou-se ao resto do seu corpo. Girou sobre um calcanhar, pousou o outro pé com força e desandou num ápice. A entrada na sala, os passos que dera até ao meio da mesma, o movimento giratório das pernas tortas e a retirada tinham constituído um único movimento ininterrupto.

— Hans!

Não era uma ordem para que Hans agisse. O fabricante de móveis queria unicamente destacar os efeitos do jogo. Hans compreendeu, riu-se e voltou para as suas cartas.

O vagabundo ficou sem almoçar. Para tal, deveria ter descido de imediato para o primeiro serviço, que já tinha começado. Em vez disso, foi esconder-se, sem dúvida numa das casas de banho, e só saiu de lá a tempo do último serviço. Fora esse o serviço que o libanês e Hans tinham escolhido. Da entrada, vagabundo observou a sala.

— Ha-ans!

Mas o vagabundo já estava a girar sobre si mesmo.

Mais tarde, viram-no no convés inferior, no meio dos refugiados, com a mochila, mas sem o chapéu. Sem ele, e sem qualquer referência a ele, a brincadeira prosseguiu no bar, no convés, na sala de fumo. — Hans! Ha-ans! — No fim, Hans não se ria nem levantava a cabeça; quando ouvia o seu nome, completava a brincadeira com um assobio. A brincadeira persistia; mas, ao cair da noite, já todos se tinham esquecido do vagabundo.

Ao jantar, os libaneses voltaram a falar de dinheiro naquele seu jeito desapaixonado. O homem de Beirute disse que, devido a certas circunstâncias especiais no Médio Oriente durante esse ano, uma exportação judiciousa de sapatos podia proporcionar fortunas; mas eram muito poucas as pessoas que estavam a par disso. O fabricante de móveis disse que sabia disso havia meses. Ambos defendiam um investimento, e defrontavam-se na exibição de conhecimentos dos secretos custos locais, e avaliavam calmamente os assombrosos lucros. No entanto, já não se acicatavam um ao outro. Jogo era jogo e eles já tinham tirado as medidas um ao outro. E estavam ambos cansados.

Alguma da lassidão dos estudantes americanos apoderara-se dos outros passageiros nesta última noite. Quanto aos americanos, começavam a ficar mais descontraídos. Na sala de fumo, onde as luzes pareciam mais fracas, as vozes deles subiam de tom em amigáveis disputas entre rapazes e raparigas; passeavam-se muito mais pelo barco; especialmente ativa estava uma rapariga alta, vestida com uma espécie de traje de bailarina, todo negro, que ia do pescoço aos pulsos e aos tornozelos. A rapariga alemã, a nossa anfitriã da noite anterior, parecia bastante doente.

As raparigas espanholas não namoriscavam com ninguém. O egípcio, cuja ressaca se juntara ao enjoo, estava a jogar bridge. De vez em quando, não sem alguma coragem, grasnava uma piada ou um verso de uma canção, mas já só suscitava sorrisos. O fabricante de móveis e Hans também estavam a jogar às cartas. Quando era jogada uma carta boa, ou uma carta dececionante, o fabricante de móveis soltava uma exclamação sumida, que não pedia uma resposta: — Hans, Hans. — Era tudo o que restava da brincadeira do dia.

O homem de Beirute entrou e observou. Deteve-se ao lado de Hans. Depois, pôs-se ao lado do fabricante de móveis e sussurrou-lhe em inglês, a sua língua secreta:

— O tipo fechou-se no camarote.

Hans percebeu. Olhou para o fabricante de móveis. Mas o fabricante de móveis estava cansado. Deu por findo o jogo e saiu com o homem de Beirute.

Quando voltou, disse a Hans:

— Ele diz que pega fogo ao camarote se nós tentarmos entrar. Diz que tem muito papel e muitos fósforos. Acho que é capaz de o fazer.

— O que é que vamos fazer? — perguntou o homem de Beirute.

— Dormimos aqui. Ou na sala de jantar.

— Mas os criados gregos dormem na sala de jantar. Vi-os lá esta manhã.

— Isso prova que é possível dormirmos lá — disse o fabricante de móveis.

Mais tarde, já noite cerrada, parei à porta do camarote do vagabundo. De início não ouvi nada. Depois, ouvi o som de papel a ser amarrotado: o aviso do vagabundo. Pergunto-me quanto

tempo terá estado acordado nessa noite, à escuta de passos, à espera que arrombassem a porta e Hans entrasse.

De manhã, estava de volta ao convés inferior, no meio dos refugiados. Tinha de novo o chapéu; recuperara-o no camarote.

Alexandria era uma longa linha brilhante no horizonte: areia e o prateado dos reservatórios de petróleo. O céu estava nublado; o mar verde, mais encapelado. Entrámos no porto sob uma chuva fria e uma luz de tempestade.

Muito antes de os funcionários da imigração subirem a bordo, fizemos bicha para a revista. Os alemães separaram-se dos árabes, Hans dos libaneses, os libaneses das raparigas espanholas. Como durante toda a viagem desde o seu encontro com o vagabundo, o jugoslavo alto e louro era uma presença solitária. Vindos do convés inferior, os refugiados surgiram com caixas e trouxas, de tal forma que, finalmente, revelavam ser algo mais do que os seus emblemáticos trajés negros. Tinham o corpo frouxo e a pele com o aspeto doentio de quem come demasiados hidratos de carbono. Os rostos, marcados por pústulas, mantinham-se imóveis, distantes, mas cheios de uma astúcia feroz e insensata. Estavam vigilantes. Logo que os funcionários subiram a bordo, os refugiados começaram a empurrar e a abrir caminho na direção deles. Era uma agitação artificial, a deferência dos perseguidos perante a autoridade.

O vagabundo apareceu com o chapéu e a mochila. Não havia nervosismo nos seus movimentos, mas havia nos olhos dele uma rapidez que era instilada pelo medo. Pôs-se na bicha e fingiu um ar zangado com a sua extensão. Batia com os pés no chão, ora como um homem impaciente com os funcionários, ora como alguém combatendo o frio. Mas suscitava menos interesse do que

pensava. Hans, uma montanha com a mochila às costas, viu-o e depois fez de conta que não o viu. Os libaneses, barbeados e retemperados depois da noite passada na sala de jantar, não o viram. A paixão acabara.